

Joaquim Egídio - relato histórico e social do progressista Distrito

Alcides Jorge

A um pai inconsolável pela perda de filho querido em pleno verdor dos anos dizia um amigo, procurando consolá-lo na desolação, que um provérbio árabe diz que todas as coisas nascem pequeninas e vão crescendo à medida do tempo e que inversamente a única coisa que nasce grande é a dor e vai decrescendo à medida do tempo.

Parafraçando, diremos que um jornal, no caso o "Diário do Povo", quanto mais velho mais atual, remota-se, adquire feições novas, modifica estrutura, aspecto, corpo, forma e usando de irreverência, faz-se lépido, viril, intrépido e vibrante. Assim nos fosse dado, a nós, os que nele mourejam, para nosso gáudio íntimo!

Homenageando o cinquentenário do dinâmico matutino exclamamos aquele celebrado "quem te viu e quem te vê", no sentido construtivo, para glória e grandeza de Campinas, salve "Diário do Povo" ancião-moço!

Junto ao digno jornal, confessamos auto-suficientemente, possuímos um direito adquirido. Uns 25 anos de colaboração espontânea que se não se destacou por mérito e brilhantismo valeu, pelo menos, como preenchimento de coluna, seja na parte literária ou noticiosa.

Isto pôsto aqui nos reapresentamos para dizer algo sob o tema da nossa especialização:— Joaquim Egídio.

Uma vila qualquer que nasceu e se desenvolveu à sombra dum fenómeno financeiro. O desenvolvimento da lavoura cafeeira nas exuberantes terras campineiras do quadrante sudoeste do município. Em terras da outrora vasta propriedade agrícola "São Luciano" do major Luciano Teixeira Nogueira. Chamou-se primitivamente Laranjal pela grande quantidade dessa arvore frutífera existente nos cafezaes.

A primeira casa do povoado é a que ainda existe e leva o numero 1185 da rua Heitor Penteado. Foi armazem em sua edificação e posteriormente abrigou salão de baile, hotel, cinema e padaria.

Situava-se a vilinha no distrito da Ponte do Atibaia como se chamava então o Arrial dos Sosas posterior, actual Sosas.

Um dos impulsionadores do seu progresso, foi o velho Valentim como era aqui conhecido, o português Valentim dos Santos Carvalho que se dedicou por muito tempo ao transporte de café em lombo de burro a caminho de Santos e posteriormente à derrubada de matas e empreita de formação de cafezaes. Edificou inúmeras casas às quais dotou há cerca de 40 anos atrás de água encanada. Foi doador de terreno onde se ergueu a capela local, cediu terreno para a prática de futebol e certa feita mandou abrir poço em terreno de sua propriedade a fim de abastecer de água aos moradores do povoado que não possuíam os benefícios da água encanada.

Em homenagem aos seus trabalhos a rua onde por muito tempo residiu e cujas casas em sua maioria fez construir ostenta o seu nome.

Houve época em que a vida do povoado se apresentava florescente quer como comércio, quer como sociedade organizada. A maioria das casas foram construídas para fins comerciais.

Seu nome actual foi dado em homenagem ao neto do Marquês de Três Rios, homônimo, Joaquim Egídio de Sousa Aranha, proprietário da Fda. Sertão, que doou o terreno para edificação da Estação ferrea local, antes denominada São Luciano por ter pertencido ao atrás referido major Luciano Teixeira Nogueira. Além disso o "marqueziño" como era chamado familiarmente Joaquim Egídio, muito contribuiu para edificação da Capela, tendo como colaboradores dedicados os sãos Pedro Antonio Said e Francisco Serra, mais conhecido por "Chico Serra" pai de d. Ruy Serra, digno Bispo de São Carlos, que vêz ou outra para aqui vem matar saudades dos pagos natais.

O altar-mor da Capela, todo de mármore foi doado pela saudosa esposa do marquizeziño, da Sualia Ferreira Egídio de Sousa Aranha.

Um dos primeiros comerciantes e o primeiro Agente Postal local foi o saudoso Manoel Herculano da Silva Coelho, em homenagem de quem foi dado nome à rua onde ainda reside sua quase centenária esposa, da. Benvinda, na estação egidiense.

Em 1842 foi fundado em terras da Fda. São Luciano um colégio de primeiras letras para ensino dos filhos de fazendeiros da época, por Antonio Alves Feitoza, segundo as efemérides lembramos. Entretanto, bem nos lembramos de que o saudoso prof. Manoel Saturnino do Amaral dizia sempre, sem esconder um eufórico orgulho, que tivera a honra de lecionar no colégio Camarguinho. A esse colégio Mestre-Escola, um dos primeiros alunos do Culto à Ciência, contemporâneo de d. Neri, piston da Banda, artista amador, companheiro, depois, inseparável do grande jornalista Julio de Mesquita, professor rural e depois das Es-

colas Reunidas locais foi prestada homenagem dandolhe o nome a uma das ruas do actual distrito.

Muito nos alongaríamos se aqui tivéssemos que registrar todos quantos prestaram sua valiosa colaboração em favor do velho burgo. Entretanto não podemos olvidar o saudoso prefeito campineiro dr. Heitor Teixeira Penteado que foi quem dotou Joaquim Egídio dos benefícios da iluminação pública, razão pela qual a rua principal do povoado leva-lhe o nome. E no setor



Sr. Alcides Jorge

do ensino das primeiras letras aos moradores do povoado o prof. Manoel Raymundo de Oliveira e a profa. da. Mercedes de Sousa Martini, filha de Joaquim Macario de Sousa que foi íntimo amigo de Campos Sales e pai de Ovídio de Sousa Costa, fundador das "Folhas da Manhã e da Tarde".

As irmãs Tibircá, das. Noemia, Cinira, Dalva, Maria e Ilsa, muito devem os egidienses de outrora de aprendizado alfabetico, tanto que aquelas abnegadas e dedicadas mestras tiveram aqui sua merecida aposentadoria.

Ainda a respeito de ensino, lemos no Almanaque de Campinas 1910: (pg. 79) — "Em 1862, pouco mais ou mais, João Batista Pupo de Moraes abriu um internato na Fazenda Laranjal, a duas leguas da cidade hoje Estação de Joaquim Egídio. Foi uma das melhores escolas desse tempo e foi nela que cursaram as humanidades:— dr. Candido Ferreira de Camargo, Francisco Teixeira, Bento Quirino, Bernardino de Campos, Alvaro Xavier, Campos Salles e Avelino Anthero de Oliveira Valente." Esse colegio ainda funcionava em 1872"...

Acreditamos tratar-se do colégio a que se referia sempre com eufórico orgulho o prof. Manoel Saturnino do Amaral de que fazemos referência linhas atrás.

Joaquim Egídio desmembrou-se do distrito de Sosas pela lei n.º 5.121 de 31 de dezembro de 1958, elevando-se assim a distrito. Suas autoridades actuais são:— sub-prefeito Alcides Jorge, sub-delegado sr. Artur Geraldo Vicentine, tendo como suplentes, srs. Jamil Said, João Simadon e Antonio Nunes Ferreira; comissário de menores, sr. Antonio Nunes Felipe. É diretora interina do Ge. Rural Francisco Barreto Leme" a profa. Consuelo Freire Brandão; é agente postal, o sr. Artur Geraldo Vicentine; o Conselho da Capela está constituído pelos srs. Osvaldo Costa Oliveira, presidente, Waldomiro Sartori, secretário e Valentin Gibin, tesoureiro.

O distrito conta com as seguintes instituições:— Grémio Social Egidiense (em 2.º ano de actividades), Ideal F.C. em seu 26.º ano de existência e Centro Catequético de Catecismo, sob a direcção do sr. Edgard Mario Rizzo.

É neste distrito que se situam acidentes geográficos de maior importância do município campineiro. O ponto mais alto do município, Pico do Brumado, a Serra das Cabras, as melhores águas potáveis, como a Santa Margarida, a Castalia e a que abastece a sede do distrito. Os Rios Atibaia e Jaguari fazem a divisa do distrito com os municípios vizinhos. Três importantes quedas d'água, como Lage Grande, Salto Grande e Riqueza. Neste distrito funcionam duas usinas hidrelétricas, Jaguari e Salto Grande. O Ribeirão das Cabras atravessa o distrito em sentido

longitudinal. As principais propriedades agrícolas do distrito foram outrora as Fdas. Santana da Lapa, Santa Margarida, Sertão, Três Pedras, Guarairoba, Salto Grande, Capoeira Grande, Palmeiras (2) Santa Mônica, São José, Cabras, Bonfim, São Pedro, São Joaquim, Santa Maria, Alpes, Riachuelo, Santo Antonio da Boa Vista, São Lourenço, muitas das quais ainda hoje podem-se considerar das melhores. Grande tem sido a procura de pequenas propriedades agrícolas, de parte de abonados cidadãos paulistanos, atraídos talvez pela excelência de clima e águas, paisagens magníficas, proximidades dos grandes centros, meios facéis de comunicação rodoviária. Como contraste, é-nos familiar ai em Campinas, a seguinte pergunta:— "mas me diga uma cousa: onde fica Joaquim Egídio?"

Isso sem embargo de seu já quase centenário como comunidade campineira.

Azar local, que fazer?

Um dos cidadãos que conquanto não ser aqui nascido, mas que com satisfação diremos que é campineiro (da Vila Industrial) e que muito tem contribuído para animar a vida social egidiense é o Comendador Antonio Ribeiro Saraiva, alto dirigente da Fábrica de Brinquedos "Estrela" e proprietário aqui às margens do Atibaia do Aprazível Pancho Saraiva, local de festivas recepções. Todos os anos por ocasião das festas natalinas é ele o grande Papai Noel das crianças pobres e remediadas do distrito, pois para aqui envia cerca de 5.000 brinquedos para serem distribuídos, como foi feito no último Natal, na sede lotada do Ideal F.C..

Em que pese a sua discreção, sabemos que inúmeras famílias tem sido beneficiadas com presentes e medicamentos que o Com. traz de São Paulo graciosamente. Além disso promove constantes recepções no seu aprazível Rancho, onde comparece a quase totalidade das famílias egidienses e seus vizinhos proprietários rurais que ali passam horas festivas e onde a fartura de bebidas e comestíveis é qualquer cousa de notável.

Simples e desprendido, goza o Comendador Saraiva de geral estima na localidade, razão pela qual prestamos aqui sincera homenagem ao seu espírito filantrópico, empreendedor e dinâmico. É presidente e socio honorário respectivamente do Grémio Social Egidiense e do Ideal F. F.C., recentemente reorganizado. Ao Grémio Social Egidiense o Com. tem prestado as mais valiosas colaborações, como obtenção do sr. Luis Milane Sob.o de 20.000 tijolos para reforma da sede do Grémio, obtenção da Cibea de um aparelho de HF para os serões musicais da entidade, fornecimento de madeiras para instalação do palco e das melhorias introduzidas na sala de recepção do Grémio. E longa seria a enumeração das doações e benefícios prestados pelo benquista cidadão que actualmente se acha em buido do mais entranhado bairrismo egidiense.

Neste sucinto relato social-histórico de Joaquim Egídio, deixamos de incluir fatos e acontecimentos interessantes e curiosos da vida egidiense. Já o temos feito em notícias anteriores. Poetas e compositores locais, serenatistas, bardos, boêmios, tipos populares, hábitos e espírito humorístico, espírito de fé e de trabalho, sentimento bairrista. Entretanto, uma cousa como remate de crônica queremos dizer. Muitos e antigos egidienses vez ou outra vêm rever o pago natal. Acham tudo mudado nos seus aspectos humanos. Conquanto se mantenha a mesma a sua feição geográfica, sentem aqueles conterrâneos uma falta de ambiente. Por isso para justificar essa situação, dizemos sempre:— Joaquim Egídio, nunca é o que foi, nem será o que é". Daí essa falta de ambiente encontrada por aqueles que daqui se foram ou se vão e que para aqui retornam na esperança de encontrar algo que pontificou e significou na sua mente, no seu sentir, na identificação do seu ser com a terra que lhe serviu de berço e o que o tempo vai anulando e sua ronda intermitente e implacável. É preciso ficar aqui, aqui viver, para senti-lo.

CASA Delgado

Variado sortimento em Malas de mão, Valises, Sacos para Roupas, Paletós, artigos para esporte e prêmios.
RUA CESAR BIERREN
Telefone 2325 —

Nossos cumprimentos pelo seu

0